



Septiembre 2019 - ISSN: 1988-7833

A INTEGRAÇÃO COMERCIAL DOS BRICS E O CASO DO SETOR BRASILEIRO DE CELULOSE

Letícia Soares Viana (Estudante)¹
Naisy Silva Soares (Tutor Docente)²
Lyvia Julienne Sousa Rego³

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Letícia Soares Viana, Naisy Silva Soares y Lyvia Julienne Sousa Rego (2019): "A integração comercial Dos Brics e o caso do setor brasileiro de celulose", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (septiembre 2019). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2019/09/integracao-comercial-dosbrics.html>

Resumo: Dito pela primeira vez em 2001, o termo BRICS, faz referência aos países emergentes Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, e despertou interesse de muitos investidores quando um economista viu a possibilidade dos mesmos apresentarem um elevado crescimento econômico e superar os países ricos em alguns anos. Entretanto, ainda se encontram escassos os estudos que avaliam a evolução do fluxo comercial entre Brasil e BRICS. Dessa forma, buscando preencher essa lacuna, o presente artigo tem como objetivo, apresentar um panorama sobre os BRICS através dos aspectos conjunturais, políticos e econômicos, além de analisar o desempenho de comércio internacional específico da celulose brasileira para o grupo. Para tanto esta pesquisa bibliográfica teve como principal fonte de dados a FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*), com a função descritiva de apresentar um marco atual sobre o tema. Este trabalho pode ser utilizado ainda como uma ferramenta prática para o desenvolvimento do mercado brasileiro de celulose para o BRICS como também para possíveis expansões de comércio.

Palavras-chave: BRICS - comércio internacional – celulose – desempenho comercial - aspectos econômicos

Resumen: Dicho por primera vez en 2001, el término BRICS, hace referencia a los países emergentes Brasil, Rusia, India, China y Sudáfrica, y despertó interés de muchos inversores cuando un economista vio la posibilidad de los mismos presentar un elevado crecimiento económico y superar los países ricos en algunos años. Todavía, se encuentran escasos los estudios que evalúan la evolución del flujo comercial entre Brasil y BRICS. De esta forma, buscando llenar esa laguna, el presente artículo tiene como objetivo, presentar un panorama sobre los BRICS a través de los aspectos coyunturales, políticos y económicos, además de analizar el desempeño de comercio internacional específico de la celulosa brasileña para el grupo. Para ello esta investigación bibliográfica tuvo como principal fuente de datos la FAO

¹ Graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Mestra em Economia Regional e Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC. E-mail: leticiasoaesviana@hotmail.com.

² Economista. Pós-doutorado em Economia florestal. Professora do dep. de ciências econômicas da Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. E-mail: naisysilva@yahoo.com.br.

³ Engenheira florestal. Doutora em ciência florestal. Professora do Centro de Formação em Ciências Agroflorestais da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: lyviajulienne@hotmail.com

(*Food and Agriculture Organization of the United Nations*), con la función descriptiva de presentar un marco actual sobre el tema. Este trabajo puede ser utilizado como una herramienta práctica para el desarrollo del mercado brasileño de celulosa para el BRICS y también para posibles expansiones de comercio.

Palabras clave: BRICS - comercio internacional - celulosa - rendimiento comercial - aspectos económicos

Abstract: Said for the first time in 2001, the term BRICS, referring to the emerging countries Brazil, Russia, India, China and South Africa, aroused interest of many investors when an economist saw the possibility of them present a high economic growth and overcome rich countries in a few years. However, despite having an undeniable significance in foreign trade there are still few studies that evaluate the trade flows evolution between Brazil and BRICS. In this way, seeking to fill this gap, the aim of this article was to present an overview of BRICS through economic, political and economic aspects, besides to analyze the specific international trade performance of Brazilian pulp for the group. For this purpose, this bibliographical research was based on the database of FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) with a descriptive function to present current issues about the topic. This work can provide as a practical tool for the brazilian pulp industry to the BRICS and also possible market expansions.

Keywords: BRICS - international trade – pulp – trade performance – economic aspects

1- INTRODUÇÃO

A globalização restabelece uma nova sistematização do espaço geográfico. Apesar das distâncias entre as nações parecerem reduzidas, as diferenças econômicas, sociais, culturais e até políticas se destaca, principalmente, entre os países desenvolvidos e os que estão em desenvolvimento. Com intuito de viabilizar o comércio entre seus membros e desempenhar uma maior integração com os mesmos, a formação de blocos econômicos passa a ser um processo necessário e natural. Tais agregações são costumeiramente compostas por países vizinhos ou que possuam afinidades culturais e/ou comerciais. Geralmente, os países adotam medidas que facilitam e solucionam problemas comerciais como a redução ou até isenção de impostos (SILVA, 2005).

Em 2001, o economista Jim O'Neill afirmou em um relatório para um dos maiores bancos de investimentos, Goldman Sachs, que países como Brasil, Rússia, Índia e China apresentavam um elevado crescimento econômico e que poderiam superar os países ricos até 2050. Assim sendo, uma nova congregação se conciliava em busca de interesses comuns e de maior representatividade no panorama mundial. Entretanto, apenas em 2009 o grupo se consolidou como uma aliança política, e dois anos depois, em 2011, contou com a entrada da África do Sul, sendo representada pela letra S do inglês *South Africa* formando o conhecido BRICS (SENADO FEDERAL, 20-?)

É fato que o BRICS, diferente da maioria dos blocos econômicos, não dispõe de uma organização bem definida e idealizada, assim, há várias questões que põe em dúvida sua consolidação no âmbito global, como o fato de cada membro dos BRICS possuírem múltiplos acordos com outros países de suas regiões, dificultando a consolidação do grupo como um bloco econômico. Entretanto, há também, argumentos otimistas que justifiquem essa possibilidade. Como aquela que estima, em pouco tempo, a superação em importância comercial, da maior economia atual, os Estados Unidos. E como relata Baumann (2015), “isso as transforma não apenas em potências econômicas, mas também em agentes ativos no processo de definição das políticas globais”.

Assim, o BRICS vem se destacando nas pesquisas que buscam entender sobre o cenário político-econômico internacional e a capacidade de países emergentes ampliarem sua atuação no cenário global. Conhecer detalhadamente o comércio se torna imprescindível para a política comercial de uma nação, já que as negociações dentro de um mesmo bloco econômico, por exemplo, acarretam desenvolvimento conjunto, aperfeiçoamento no nível de produção e estimula a diferenciação dos produtos.

De acordo com o banco de dados da Scielo, entre os anos de 2001 a 2010, apenas 113 resultados têm os BRICS como objeto de estudo, contudo, nos últimos oito anos, este número subiu para 2.750 pesquisas. Entretanto, há uma escassez de pesquisas sobre o desempenho das exportações brasileiras para o BRICS, principalmente com a celulose, cujo

segmento está em franco crescimento no país, com destaque para Guimarães (2007) e Maxir e Masullo (2017), apenas 4 trabalhos foram encontrados.

Dentre os dez principais produtos brasileiros exportados para o mundo, sete deles são produtos do setor agropecuário e florestal, sendo estes a soja em grão, a carne de frango, o açúcar bruto, a celulose, o farelo de soja, carne bovina e o café em grão (Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços - MDIC, 2018). Seguindo o mesmo padrão brasileiro, todos os demais países-membros dos BRICS se destacam pelo desempenho do setor primário, sendo que o setor de celulose e papel se destaca dentre tais produtos, bem como na economia brasileira com maior evolução das exportações, geração de emprego, renda, impostos e divisas para o país há vários anos. Segundo a Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA, 2015), em 2012 a China era a segunda maior exportadora de celulose, o Brasil era o quarto, a Rússia a oitava e a Índia a décima primeira. Entretanto, conforme os dados do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos – DEPEC/ Bradesco, no ano de 2016 o Brasil ultrapassou a China e o Canadá, e se tornou o segundo maior produtor de celulose mundial, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

Assim sendo, através de informações secundárias e uma análise mediante dados da *Food and Agriculture Organization of the United Nations* - FAO, este artigo é de caráter descritivo e bibliográfico e tem como objetivo, apresentar um panorama sobre os BRICS através de suas conjunturas históricas, políticas, sociais e econômicas, sendo possível analisar os fatores verídicos do desempenho do comércio Brasil-BRICS, tendo a celulose como foco principal desta pesquisa.

2- ASPECTOS CONJUNTURAIS

Como apresentado anteriormente, os países que formam os BRICS se diferem muito nas trajetórias históricas, nos costumes culturais e até nos objetivos econômicos, entretanto, são nações que compartilham características importantes em relação ao restante do mundo, como a área territorial, a população, o total arrecadado do Produto Interno Bruto (PIB) e até o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), como apresenta a Tabela 1.

Tabela 1 – Informações gerais dos países pertencentes aos BRICS, no ano de 2015

	Dimensão Geográfica (km ²)	População (milhões)	PIB (USD) (bilhões)	IDH*
Brasil	8.516.000	206	1.804	0,775
Rússia	17.100.000	144	1.366	0,798
Índia	3.287.000	1.309	2.112	0,609
China	9.597.000	1.371	11.060	0,727
África do Sul	1.220.000	55	317,4	0,660

* valores referentes ao ano de 2014.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do Banco Mundial e PNUD³.

De acordo com um ranking promovido pela CIA⁴, que compara a dimensão geográfica dos países, Rússia, China, Brasil, Índia e África do Sul, estão entre os 30 maiores – que possuem mais de 1000.000 km² – e ocupam, respectivamente, as posições 1^o, 4^o, 5^o, 7^o e 25^o. O mesmo ocorre com suas populações que também se apresentam entre as maiores do mundo. Nesta mesma pesquisa, em 1^o lugar está China seguida pela Rússia na 2^a colocação, o Brasil na 5^a posição e Índia e África do Sul ocupando o 7^o e 25^o lugar. Isso corresponde a 26% da área do planeta e 46% da população mundial.

O PIB dos países constituintes dos BRICS também merece destaque. O Instituto de Pesquisa das Relações Internacionais listou as 15 maiores economias do mundo, conforme o PIB do ano de 2016 e entre elas apresenta China em segundo lugar – atrás apenas dos EUA-, Índia em sétimo, Brasil em nono e Rússia ocupando a décima segunda colocação. Os BRICS, com exceção da África do Sul, dividem o ranking com outras grandes economias como Alemanha, Reino Unido e França, e juntos compartilham mais de 20% do PIB mundial.

Segundo PNUD (2015), ao que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano é possível notar também certa aproximação já que Rússia, Brasil e China são considerados países de alto desenvolvimento humano, ocupando uma colocação no Ranking IDH Global de

3 PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

4 CIA – Central Intelligence Agency

50º, 75º e 90º, respectivamente, em 2014. Já África do Sul e Índia, ocupam 116º e 130º, respectivamente, delimitados como países de médio desenvolvimento humano.

Outros dois indicadores que merecem notoriedade são as taxas de inflação e de desemprego, onde infelizmente apresentam resultados insatisfatórios, como é representado na Tabela 2. De acordo com o banco de dados da Trending Economic, é possível notar altas taxas em ambos os índices, principalmente para a África do Sul que está entre os países com as piores porcentagens. A inflação também foi um problema persistente para a Índia, que em 2009 ultrapassou os 14%, conseguindo reduzir apenas a partir de 2012. Especialmente no Brasil e Rússia, a taxa de inflação vem oscilando ao longo dos anos, o que acarreta uma incerteza financeira e conseqüentemente uma preocupação nos investimentos privados.

Tabela 2 – Taxa média de inflação e de desemprego dos países pertencentes aos BRICS nos anos de 2010 e 2015

	Taxa de Inflação (%)		Taxa de Desemprego (%)	
	2010	2015	2010	2015
Brasil	5,04	3,46	6,75	6,60
Rússia	6,86	3,69	7,30	5,96
Índia	12,11	2,49	10,20	10,40
China	3,17	1,59	4,14	4,09
África do Sul	4,10	5,19	24,88	25,82

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da Worldwide Inflation Data e Actualitcs.

Ao se comparar estas taxas ao longo de cinco anos, mais especificamente nos anos de 2010 e 2015, é possível notar que a taxa de desemprego se manteve próxima para os países, sem muitas oscilações. A África do Sul permaneceu com seus altos índices, elevando em quase 1% o número de jovens desempregados, já a Rússia seguiu o caminho inverso e apresentou a melhora mais plausível no grupo, reduzindo em mais de 2% a desempregabilidade no país.

Resultados mais satisfatórios são apresentados dentre as taxas de inflação que em cinco anos teve uma melhora em torno de 2% para China, Brasil e Rússia, esta última com o IPC (Índice de Preços ao Consumidor) caindo pela metade. A Índia revelou números ainda mais expressivos, já que em 2010 apresentava a maior taxa entre os países-membros dos BRICS, com mais de 12% e em 2015 se posicionou entre os menores valores com uma inflação de 2,49%. Já a África do Sul, foi a única que manifestou uma piora dos preços em seu território, com um aumento de 1% na taxa inflacionária.

Apesar da precariedade em algumas áreas, tais como saúde, desemprego e educação (com exceção da China), em suma, os países do grupo também possuem similaridades econômicas, como por exemplo, no volume de exportação de recursos minerais e commodities, mão de obra abundante e barata, e o crescimento regulado. De acordo com o BNDES (2011), o comércio intragrupo é baseado nas vantagens comparativas, refletindo nas especializações peculiares de cada país.

3- ASPECTOS POLÍTICOS

Após as publicações da Goldman Sachs, referentes às projeções futuras para os BRICS, além dos países adquirirem uma maior cobertura na imprensa internacional e uma repercussão no que concerne aos estudos acadêmicos, os mesmos passaram a ter uma série de encontros entre seus líderes e ministros para desenvolverem mecanismos que possibilitasse a articulação entre eles.

Em 23 de setembro de 2006, à margem da 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York, aconteceu a primeira reunião informal entre os Chanceleres dos países, o que acarretou a decisão de elevar os encontros para níveis governamentais e entre os Chefes de Estado, através de cúpulas anuais. Após isso, ainda houve mais três encontros informais entre os Ministros das Relações Exteriores dos BRICS: 24 de setembro de 2007 em Nova York (EUA), 18 de maio de 2008 em Yekaterinburgo (Rússia) e 26 de setembro de 2008 novamente em Nova York (EUA). A Primeira Cúpula aconteceu apenas em 2009, em Ecaterimburgo (Rússia), depois disso, mais oito cúpulas se sucederam. Ver o Anexo A ao final deste trabalho.

Durante os encontros foram discutidos temas relacionados à crise econômica, o suporte à energia renovável, a segurança mundial, a produção agrícola, a confirmação do G20 como foro principal em cooperação econômica internacional, a cooperação em ciência, tecnologia e inovação, a reforma do sistema monetário, a oficialização da África do Sul como membro, a criação do Banco de Desenvolvimento – a fim de intensificar a influência dos BRICS nos assuntos internacionais, o desenvolvimento inclusivo e sustentável, combate do terrorismo internacional, a reforma das instituições de governança global, formas para promover a paz, e

a concepção de um fundo de reserva no valor de 100 bilhões de dólares para corrigir desequilíbrios monetários que possam vir a surgir.

Além da institucionalização vertical, o BRICS também se abriu para uma institucionalização horizontal, ao incluir em seu escopo diversas frentes de atuação. A mais desenvolvida, fazendo jus à origem do grupo, é a econômico-financeira. Ministros encarregados da área de Finanças e Presidentes dos Bancos Centrais têm-se reunido com frequência. Os Altos Funcionários Responsáveis por Temas de Segurança do BRICS já se reuniram duas vezes. Os temas segurança alimentar, agricultura e energia também já foram tratados no âmbito do agrupamento, em nível ministerial. As Cortes Supremas assinaram documento de cooperação e, com base nele, foi realizado, no Brasil, curso para magistrados dos BRICS. Já realizaram-se, ademais, eventos buscando a aproximação entre acadêmicos, empresários, representantes de cooperativas. Foram, ainda, assinados acordos entre os bancos de desenvolvimento (IPEA, 2014).

Anualmente, é realizada uma reunião entre os Ministros de Agricultura e Desenvolvimento Agrário dos países do BRICS, para discutir questões sobre a produção agrícola de seus membros. Devido à importância do tema e a preocupação do grupo em tomar medidas que ampliassem o sucesso na área agrícola, em 2012 foi aprovado um Plano de Ação que orientava como se daria a cooperação entre os cinco países (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2015).

Em suma, os encontros dos BRICS vêm proporcionando para os membros um espaço para diálogo, identificação de concordâncias e afinidades, além da ampliação de contatos, tratados e cooperação em diversos setores, proporcionando uma reafirmação das capacidades de influência dos BRICS na reforma da governança global. Entretanto, é importante salientar que apesar da promoção do comércio intra-BRICS crescer cada vez mais, o grupo deseja uma melhor cooperação entre os países extra-BRICS, como relatou a Presidenta Dilma na terceira cúpula “os BRICS não se organizam contra nenhum grupo de países. Na verdade, trabalhamos por mecanismos de cooperação e governança globais sintonizadas com o século 21”.

Mesmo possuindo características em comum, estes países não compõem um bloco econômico, e sim uma aliança representada pelos índices de desenvolvimentos parecidos, com intuito de ganharem força no cenário global, pois apesar do real interesse em se tornarem um bloco, a relação comercial entre eles ainda está em um estágio inicial com integrações limitadas. Além disso, não existem planos para concretizar a criação, de fato, de um bloco econômico, contudo, o interesse político em conformidade funciona como uma alavanca para uma atuação global destes países, fortalecendo o grupo, tornando-os como atores estratégicos e representantes da economia emergente (STUENKEL, 2017).

4- ASPECTOS ECONÔMICOS

Os produtos constituintes da cesta de exportação dos BRICS, segue, no geral, o mesmo padrão mundial, tendo os insumos industriais e os bens de capital como os segmentos de maior importância, contudo, ainda sim, a especialização de comércio de cada um se distingue podendo ser explicado pelas teorias tradicionais de comércio internacional, baseadas em vantagens comparativas (BNDES, 2011).

O Brasil exporta alimentos e bebidas e bens intermediários, enquanto que a África do Sul vende principalmente bens intermediários. Por outro lado, a China vende principalmente bens de capital. A Rússia é uma exceção desse padrão. Suas exportações para os BRICS são concentradas em bens de capital e equipamentos de transporte, contra um país especializado em matérias-primas, particularmente combustíveis e lubrificantes (BNDES, 2011).

Segundo o “The Observatory of Economic Complexity” (OEC), o Brasil se destaca por ser o 21º país que mais exporta no mundo, sendo considerado um dos maiores produtores agrícolas existentes. A maior parte das exportações são de produtos primários, como soja e trigo. No ano de 2015, com valor exportado de US\$ 195 bilhões e importado US\$ 170 bilhões, a balança comercial totalizou um saldo positivo de \$ 25,3 bilhões de dólares (Tabela 3). Os principais produtos exportados foram a Soja, o Minério de Ferro, o Petróleo Bruto, o Açúcar Bruto e as Carnes de Aves, já a cesta dos produtos importados consiste nos Petrolíferos Refinados, Petróleo Bruto, Peças de Veículos e Carros. Os principais destinos de exportação do Brasil são a China, os Estados Unidos, a Argentina, a Holanda e a Alemanha. Já as origens de importação são a China, os Estados Unidos, Alemanha, Argentina e Coreia do Sul.

No que diz respeito à Rússia, o país é considerado como o 13º que mais exporta no mundo, sendo o segundo maior exportador de petróleo. Apesar de possuir

grande quantidade de recursos naturais disponíveis como ferro e aço, igualmente no Brasil, a Federação Russa se difere da nação brasileira por possuir um território altamente industrializado. Em 2015 a balança comercial da Rússia teve um saldo positivo de US\$132 bilhões – com um valor exportado de US\$ 316 bilhões e importado de US\$ 184 bilhões. Dentre os principais produtos comercializados internacionalmente estão o Petróleo Bruto, Petrolíferos Refinados, Briquetes de Carvão e Alumínio, com destino de exportação para Holanda, China, Alemanha, Itália e Belarus. E dentre os produtos de importação, destacam-se os Carros, Medicamentos Embalados, Peças de Veículos, Unidades de Disco Digital e Aviões e/ou helicópteros, advindos principalmente da China, Alemanha, Estados Unidos, Belarus e Itália.

A Índia é o menos desenvolvido em comparação ao restante do grupo, contudo, vem sendo alvo de grandes investimentos estrangeiros, além de se destacar na produção têxtil e de tecnologia. Em 2015, sua balança comercial teve um déficit de \$92,6 bilhões de dólares, sendo US\$ 276 bilhões do valor exportado e US\$ 368 bilhões das importações. Suas exportações estão envoltas de produtos como Petrolíferos Refinados, Diamantes, Medicamentos Embalados, Joias e Arroz, com destino principalmente para os EUA, Emirados Árabes, China e Reino Unido. Dentre os produtos importados estão o Ouro, o Diamante, os Briquetes de Carvão e o Petróleo, originados da China, Suíça, EUA, Arábia Saudita e Emirados Árabes.

Já a China, a fim de recuperar as décadas perdidas de socialismo, vem recebendo maior destaque nos indicadores de desenvolvimento e volume de exportação, principalmente nos bens de consumo e tecnologia. É considerada como a maior economia de exportação do mundo, com um saldo positivo na balança comercial, em 2015, de \$1,1 trilhões de dólares, sendo US\$ 2,37 trilhões das exportações e US\$ 1,27 trilhões das importações. Dentre os produtos exportados estão as Unidades de Disco Digital, os Equipamentos de Transmissão, os Circuitos Integrados e as Peças de Máquinas de Escritório, com destaque para os países de destino, os EUA, Japão, Alemanha e a Coreia do Sul. Já em relação aos produtos importados, temos o Petróleo Bruto, os Circuitos Integrados, Ouro, Minério de Ferro e Carros, com origens principais da Coreia do Sul, EUA, Japão e Alemanha. Como menciona Paulo Roberto de Almeida, em seu artigo sobre “O Papel dos BRICS na economia Mundial”, de todos, a China é a única economia emergente que de fato, objetiva em converter-se em economia dominante.

Por último, a África do Sul se distingue por ser um dos maiores exportadores de minério da Terra, com destaque para o Ouro, Platina, Manganês, Carros e Diamante. Seus principais países de exportação são a China, os EUA, Índia, Reino Unido e Alemanha, totalizando um valor de \$ 93,7 bilhões de dólares. Dentre o valor de US\$ 80,8 bilhões importado, estão produtos como Petrolíferos Refinados, Carros, Ouro e as Unidades de Disco Digital, com origem de importação da China, Alemanha, EUA, Nigéria e Índia. Neste ano, a balança comercial indiana, teve um saldo positivo de \$ 12,9 bilhões de dólares.

Tabela 3 – Balança Comercial dos BRICS, no ano de 2015

	Saldo da Balança Comercial (bilhões)	Valor Exportado (bilhões)	Valor Importado (bilhões)
Brasil	US\$ 25	US\$ 195	US\$ 170
Rússia	US\$ 132	US\$ 316	US\$ 184
Índia	US\$ - 92,6	US\$ 276	US\$ 368
China	US\$ 1.100	US\$ 2.370	US\$ 1.270
África do Sul	US\$ 12,9	US\$ 93,7	US\$ 80,8

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da OEC.

Como é possível observar na Tabela 4, a composição do comércio do BRICS voltado para o próprio BRICS, reforça o comportamento mundial de especialização. O Brasil, basicamente se evidencia com alimentos, bebidas e insumos industriais. Índia e a China se aprimoram também em insumos industriais para o restante do grupo, gerando concorrência entre elas, contudo, se tratando de valor, a China se destaca pelo fornecimento de bens de capital. A Rússia se direciona para bens de capital e equipamentos de transporte, o que gera uma exceção, já que para o restante do mundo, a maior parte de suas exportações são voltadas para os combustíveis e lubrificantes. Por fim, a África do Sul se sobressai, devido a importância dos BRICS na demanda por seus bens de consumo e de capital (BNDES, 2011).

Ao especificar as relações comerciais bilaterais entre Brasil e os demais integrantes dos BRICS, encontra-se a concentração de produtos provenientes de recursos minerais em troca de, basicamente, diversas manufaturas, com algumas poucas exceções. A composição da pauta de exportações brasileiras para a Rússia se define principalmente pela carne bovina,

açúcar e tratores. Para Índia se destacam o cobre, o óleo de soja e aeronaves. Dentre os produtos comercializados para a China, têm-se a soja em grãos, minério de ferro e a celulose. E, para a África do Sul, carne de aves, açúcar e transportes ferroviários.

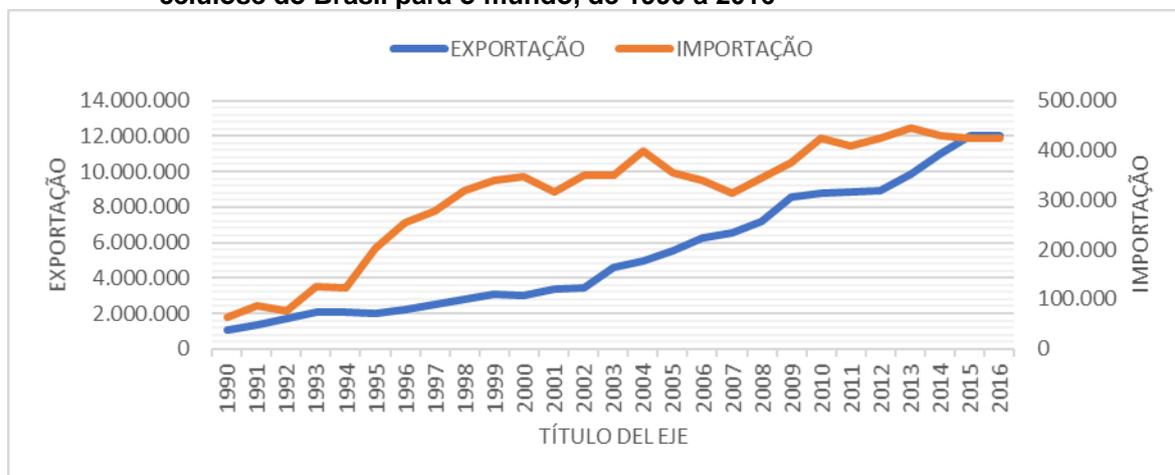
5- O SEGMENTO DA CELULOSE

O setor de papel e celulose é qualificado por dois segmentos distintos dentro da pauta de exportações brasileiras, no qual de um lado encontra-se o papel com uma gama vasta de diferenciação de produtos e do outro, a exportação de celulose, caracterizada pela commodity de pasta química de madeira. No primeiro mercado, apesar dos produtos possuírem características próximas entre si, eles não são homogêneos, fazendo com que cada país ganhe destaque em sua determinada produção, além de tornar o produto mais competitivo já que os países importadores têm a opção de escolher não apenas pelo preço, mas também pelas características distintas de cada. Já no segundo mercado, os produtos são vendidos de forma homogênea em todos os países. (GUIMARÃES, 2007).

Segundo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC, 2018), dentre os dez principais produtos brasileiros exportados para o mundo, sete deles são produtos agrícolas, sendo estes a soja em grão, a carne de frango, o açúcar bruto, a celulose, o farelo de soja, carne bovina e o café em grão. Seguindo o mesmo padrão brasileiro, todos os demais países-membros dos BRICS se destacam pelo desempenho do setor primário. Segundo a Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA, 2015), em 2012 a China era a segunda maior exportadora de celulose, o Brasil era o quarto, a Rússia a oitava e a Índia a décima primeira.

Ao se estudar o processo evolutivo das exportações e importações dos BRICS em específico no setor, (Figura 1), em 1990, o volume exportado pelo Brasil era de um pouco mais de 1 milhão de toneladas, contudo, é possível verificar um crescimento significativo ao longo dos anos, tendo seu ápice nos anos de 2015 e 2016 com uma margem de mais de 12 milhões de toneladas. Já as importações do país vêm se mantendo baixas durante todo o período estudado, com uma variação de 64.400 toneladas em 1990 e 423.905 toneladas nos últimos dois anos e uma exceção no ano de 1993 que ultrapassou a marca de 1 milhão de toneladas.

Figura 1 – Evolução do volume, em toneladas, das exportações e importações de celulose do Brasil para o mundo, de 1990 a 2016

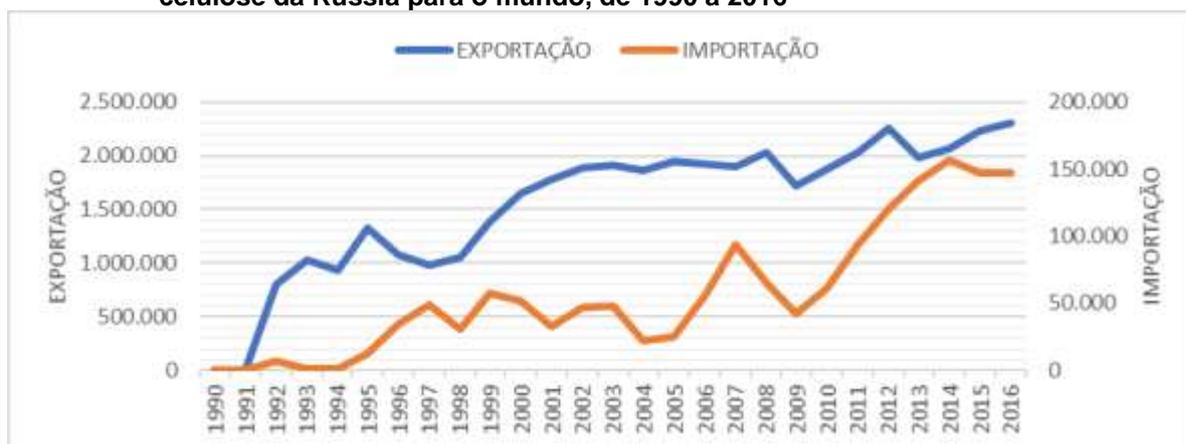


Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

Por meio do clima e solo propícios, e de grandes investimentos em pesquisa e mão de obra qualificada, o Brasil vem se beneficiando em termos de potencial produtivo, e consequentemente, elevando o número de suas exportações.

Assim como o Brasil, a Federação Russa seguiu um caminho similar de evolução positiva no setor. Como ilustra a Figura 2, as exportações se mantiveram crescentes na maioria dos anos, contudo, diferentemente do Brasil, houve algumas oscilações no período. O principal salto evolutivo foi no ano de 1997 quando as exportações atingiam 985 mil toneladas e em apenas nove anos, esse número aumentou para quase 2 milhões de toneladas. Já as importações de celulose do país se conservaram baixas e estáveis, não ultrapassando 150 mil toneladas, referente ao último ano.

Figura 2 – Evolução do volume, em toneladas, das exportações e importações de celulose da Rússia para o mundo, de 1990 a 2016



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

A Figura 3 representa o comércio internacional de celulose na Índia, e claramente é possível notar uma situação inversa dos países anteriores.

Figura 3 – Evolução do volume, em toneladas, das exportações e importações de celulose da Índia para o mundo, de 1990 a 2016



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

Em 1992, por exemplo, o número exportado foi de apenas 28 toneladas, tendo seu pico máximo entre os anos de 2001 e 2004 com 25 mil toneladas. Em 2016 esse valor não passou de 14 mil. Já as importações revelaram números surpreendentes. O período de 1990 a 2007 foi marcado por várias oscilações, entretanto, a partir de 2008 o volume importado vem crescendo significativamente, saltando de 457.600 toneladas para 1.386.351 toneladas, no último ano. Outro caso que chamou atenção foi a evolução do setor na China que seguiu o mesmo padrão que a Índia, altos e crescentes números na importação e exportações mais contidas (Figura 4).

Figura 4 – Evolução do volume, em toneladas, das exportações e importações de celulose da China para o mundo, de 1990 a 2016



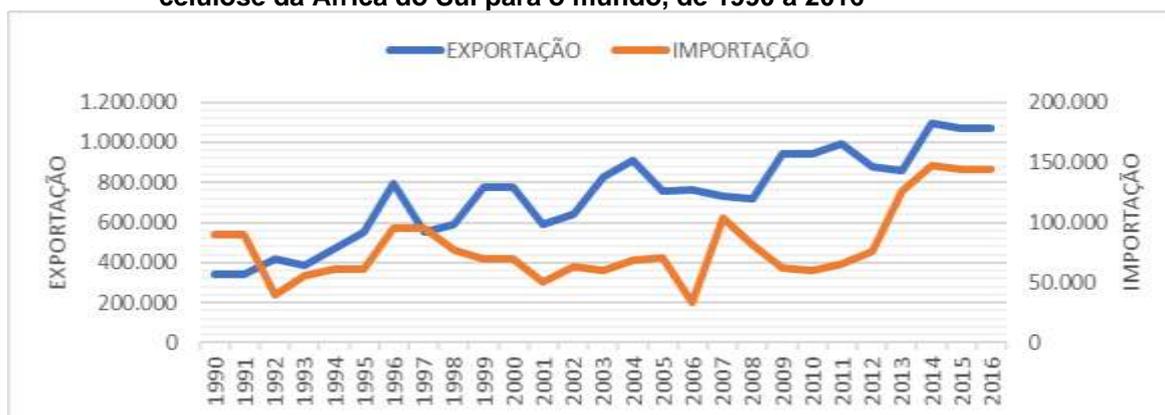
Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

No que diz respeito à exportação, o maior montante se refere ao ano de 1992 com um volume de 154.169 toneladas. No último ano, o país exportou apenas pouco mais de 86 mil. Já nas importações, houve um crescimento substancial ao longo do período. Em 1990, a China importava 875.500 toneladas, e em 2016, esse número ultrapassou 20 milhões de toneladas de celulose, excedendo o valor máximo exportado pelo Brasil.

A China vem se destacando mundialmente neste setor por conseguir, basicamente, transformar a celulose importada, principalmente proveniente do Brasil, em papel para exportação, além de oferecer um preço menor e mais atraente para outros países, alcançando a posição de maior produtor global de papel.

Embora a África do Sul não esteja entre os maiores produtores mundiais de celulose, o país vem expandindo sua participação de modo considerável no mercado. Como é possível verificar na Figura 5, mesmo que de forma desordenada, o país vem tendo crescimento nas exportações do setor. Em 1990, o volume exportado foi de 338.805 toneladas, e no último ano analisado, 2016, esse número cresceu para 1.067.511 toneladas, maior valor do período. Já no que diz respeito às importações, apesar das quantidades menores, também há crescimento constante, com um volume máximo de 144.056 toneladas no último ano.

Figura 5 – Evolução do volume, em toneladas, das exportações e importações de celulose da África do Sul para o mundo, de 1990 a 2016



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

No que se refere aos principais destinos das exportações e origem das importações de celulose dos cinco países em questão, é possível também notar certa similaridade entre eles.

Dentre as exportações brasileiras, a China se destaca com um volume de 3.911.000 toneladas, o que corresponde a cerca de 85% do total exportado para Ásia. Logo atrás dela vem os Estados Unidos com 2.006.000 toneladas e Itália com 1.263.000 toneladas. Sobre as importações encontram-se também os Estados Unidos, liderando com 179.000 toneladas e a Argentina, com um volume de 165.442 toneladas de celulose (Figura 6).

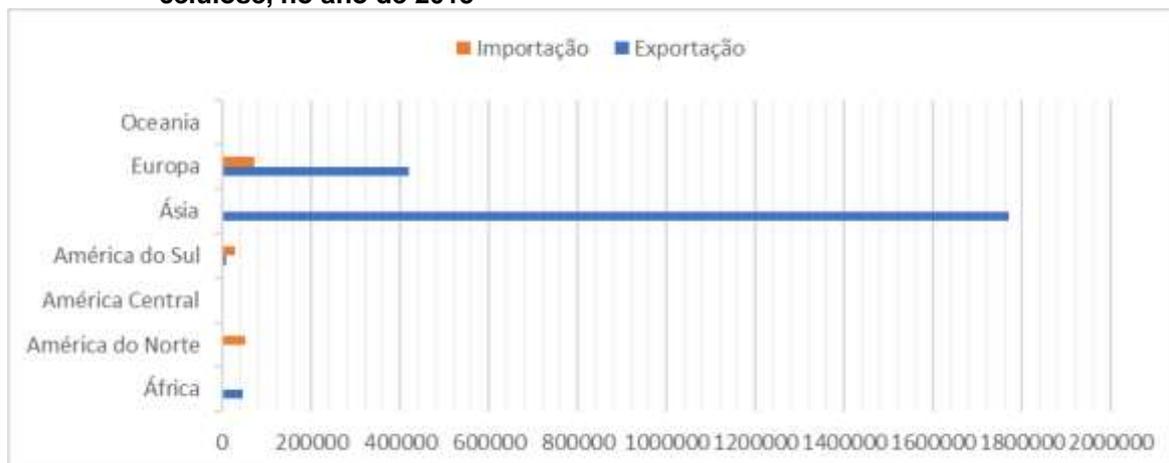
Figura 6 – Destino mundial das exportações e importações brasileiras de celulose, em toneladas, no ano de 2015



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

Como no Brasil, o principal parceiro das exportações russas é a China, com um volume acumulado no ano de 2015 de 1.380.00 toneladas de celulose. A Coreia do Sul, se posiciona em segundo lugar, com um total de 167 mil toneladas e logo após vem a Polônia, com 154 mil. No que tange as importações, os Estados Unidos se destaca novamente, com um volume de 52 mil, seguido pela Finlândia e Suécia, com 33.000 e 28.000, respectivamente (Figura 7).

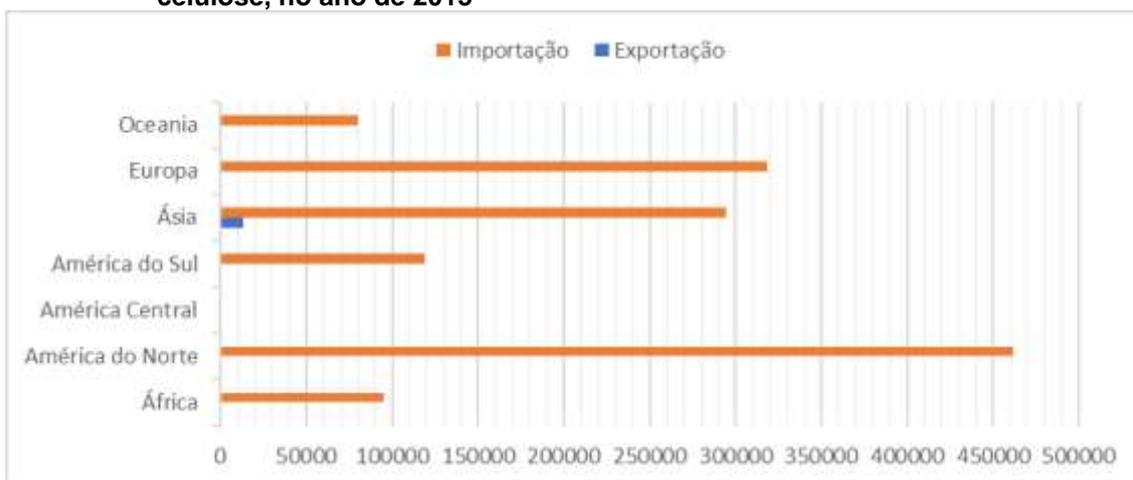
Figura 7 – Destino mundial das exportações e importações russas, em toneladas, de celulose, no ano de 2015



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

Diferentemente dos outros, a Índia segue um padrão peculiar. Basicamente, as exportações de celulose estão todas destinadas ao Irã, que acumula um total de 12.635 toneladas. Contudo, as origens das importações se espalham por todos os continentes, tendo a América do Norte representando a maior parte. Os EUA denotam um volume de 232 mil e o Canadá, 230 mil toneladas, seguidos pela Suécia, com 165 mil (Figura 8).

Figura 8 – Destino mundial das exportações e importações indianas, em toneladas, de celulose, no ano de 2015



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

No que se refere às exportações chinesas, a Ásia, detém a maior parte, com destaque para Irã (12.162 toneladas), Coreia do Sul (7.953 toneladas) e Malásia (6.979 toneladas). Dentre as origens das importações de celulose, os principais parceiros são o Brasil e o Canadá, com quase 4 milhões de toneladas cada. Os EUA acumulam cerca de 2.900.000 toneladas e o Chile um pouco mais de 2 milhões. Dentre os países europeus, estão preferencialmente, a Rússia e a Finlândia com mais de 1 milhão de toneladas (Figura 9).

Figura 9 – Destino mundial das exportações e importações chinesas, em toneladas, de celulose, no ano de 2015



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

Por fim, a China e a Indonésia representam os principais destinos das exportações da África do Sul, com um valor acumulado de 429 mil e 117 mil toneladas, respectivamente. Dentre os países de origem para importação, se destaca a Nova Zelândia, com mais de 71 mil toneladas de celulose, e os EUA, com 43.202 toneladas (Figura 10).

Figura 10 – Destino mundial das exportações e importações sul-africanas, em toneladas, de no ano de celulose, 2015



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2017).

6- O COMÉRCIO BRASILEIRO DE CELULOSE

É possível produzir a celulose a partir de diferentes tipos de matérias-primas, dentre elas, a mais comum é a madeira, que origina duas formas de celulose: a de fibra longa e a de fibra curta. A primeira, fornecida pelo Pinheiro, Pinho e Abeto, é utilizada na fabricação de papéis com maior durabilidade, embalagens e catálogos. Já a fibra curta é mais adequada no uso da fabricação de papéis de imprimir, escrever e fins sanitários, além disso, é extraído principalmente do Eucalipto e da Bétula. Segundo o Grupo Suzano de Papel e Celulose (2018), a celulose de eucalipto foi um aperfeiçoamento implantado pelo Brasil nos anos 50, baseado em determinadas vantagens competitivas dispostas em seu território.

No Brasil, o eucalipto tem o ciclo de corte de, aproximadamente, sete anos, período curto se comparado com os ciclos de corte desta espécie em outros países da Europa, EUA e América do Sul, que varia entre quinze e vinte anos (Tabela 4). É importante destacar também que a área florestal brasileira necessária para a produção de um milhão de toneladas ao ano de celulose é de aproximadamente 100 mil hectares, enquanto a Península Ibérica e a Escandinávia precisam de 300 mil e 720 mil hectares, respectivamente (MORAES et al., 2015).

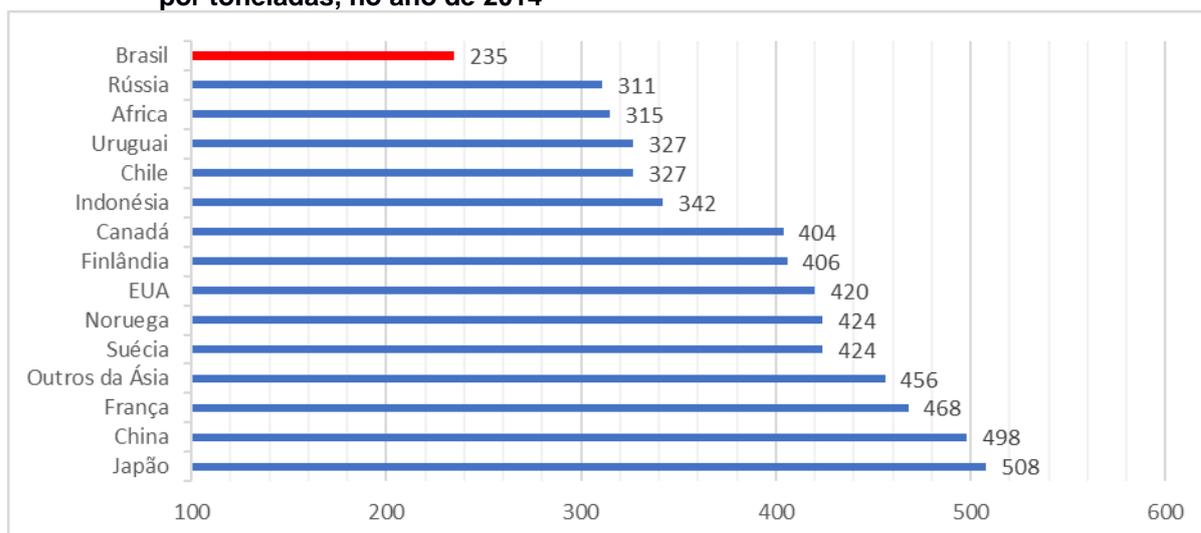
Tabela 4 – Comparação da Rotação e Rendimento de Celulose Fibra Curta

Espécies	Países	Rotação (anos)	Rendimento m ³ /ha/ano
Eucalipto	Brasil	7	39
Eucalipto	África do Sul	8-10	18
Eucalipto	China	...	23
Eucalipto	EUA	...	15
Eucalipto	Chile	10-12	20
Eucalipto	Portugal	12-15	12
Eucalipto	Espanha	12-15	10
Bétula	Suécia	35-40	6
Bétula	Finlândia	35-40	4

Fonte: DEPEC (2018).

Dessa forma, o Brasil desenvolveu grandes áreas com florestas plantadas para fins industriais que somado as condições naturais do solo, topografia, recursos hídricos e clima favoreceram a produção de madeira em tempo e área de cultivos menores, ocasionando um maior rendimento com um menor custo de produção. Suas florestas industriais são, muitas vezes, alicerçadas em clones desenvolvidos para se adaptar a cada micro-região brasileira de modo a maximizar a sua produtividade. A Figura 11 representa o custo industrial de produção de celulose nos principais produtores mundiais.

Figura 11 – Custo de Produção de Celulose nos Principais Países Produtores em US\$ por toneladas, no ano de 2014



Fonte: FIBRIA apud DEPEC/BRADESCO (2016).

Ao longo dos anos, o Brasil potencializou uma indústria de papel e celulose diversificada com uma grande capacidade de crescimento futuro, tanto para abastecimento do mercado interno quanto do mercado externo, o que resultou em uma ocupação invejável no contexto mundial. “O país ocupa o quarto lugar no *ranking* dos países produtores de celulose de todos os tipos e como primeiro produtor mundial de celulose de eucalipto” (Ibá, 2015).

A Figura 12 demonstra a análise do desempenho comercial da celulose brasileira específica para os BRICS, tanto nas exportações, quanto nas importações, percebe-se um aumento extraordinário e crescente ao longo dos anos. Principalmente depois de 2009, ano de formação do grupo.

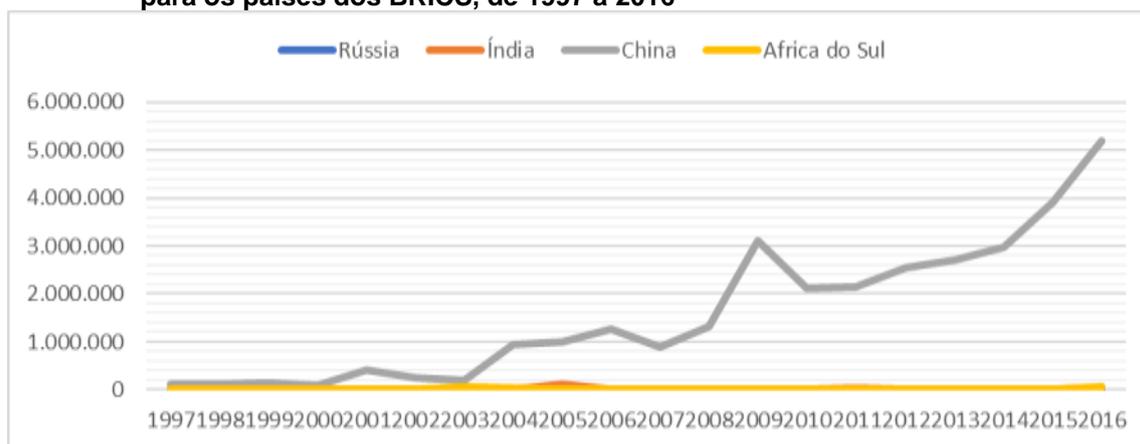
Figura 12 - Evolução do volume, em toneladas, das exportações e importações de celulose do Brasil para os BRICS, de 1997 a 2016



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2019).

Ao explorar mais a fundo os resultados encontrados na figura anterior, é possível notar que o resultado positivo das exportações brasileiras para o grupo se deve, principalmente, pela China (Figura 13). No geral, cerca de 20% da celulose mundial é vendida por indústrias de celulose e compradas por indústrias de papel, como é o principal caso do mercado entre Brasil e China.

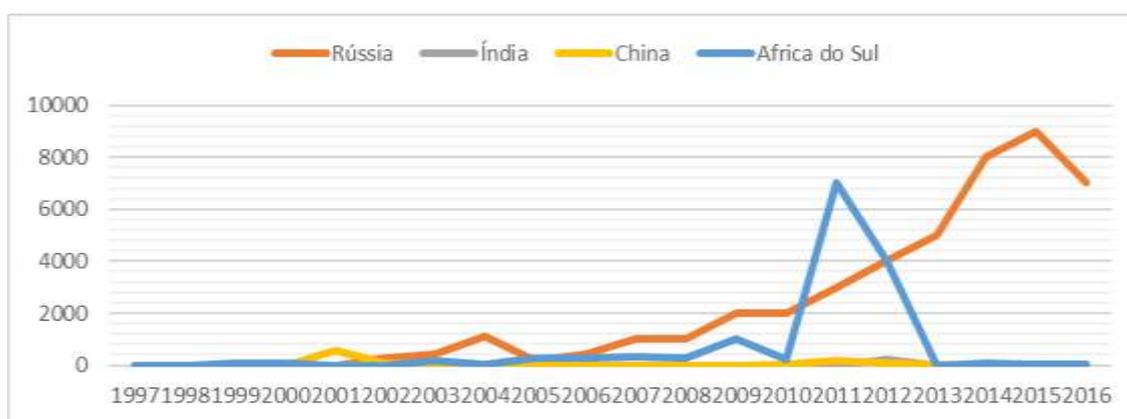
Figura 13 - Evolução do volume, em toneladas, das exportações de celulose do Brasil para os países dos BRICS, de 1997 a 2016



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2019).

Já o principal parceiro do Brasil, no que concerne as importações de celulose, é a Rússia, que vêm mantendo um crescimento crescente ao longo de todo período analisado.

Figura 14- Evolução do volume, em toneladas, das importações de celulose do Brasil para os países dos BRICS, de 1997 a 2016



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2019).

A Tabela 5 mostra o comércio Intra-BRICS nos anos de 2010 e 2015. Dentre as exportações de celulose, especificamente, encontram-se em destaque o comércio bilateral entre Brasil-China e Rússia-China, com um total exportado de 3.911.000 e 1.380.000 milhões de toneladas, respectivamente. É possível observar que a China possui peso relevante no comércio com os demais países, e isso se repete em outros setores além da celulose, contudo a relação inversa não se apresenta de maneira tão intensa.

Tabela 5 – Comércio Intra-BRICS, em toneladas de celulose, nos anos de 2010 e 2015

	Brasil		Rússia		Índia		China		África do Sul	
	2010	2015	2010	2015	2010	2015	2010	2015	2010	2015
Brasil	-	-	11.581	24.132	2.000	9.000	2.122.000	3.911.000	3.185	6.932
Rússia	2.000	9.000	-	-	28.000	63.000	987.000	1.380.000	0	6.393
Índia	0	0	0	0	-	-	523	21	26	0
China	12	0	0	598	4.954	3.608	-	-	29	42
África do Sul	205	18	0	0	56.000	95.000	157.000	429.000	-	-

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FAO (2018).

Constata-se ainda o aumento considerável do comércio entre Brasil e os demais países ao longo dos anos, onde as exportações de celulose mais que dobraram para Rússia, África do Sul e China e para a Índia houve um acréscimo de 4 vezes mais toneladas exportadas em 2015 do que em 2010. O comércio da Rússia também apresenta dados mais significativos, com destaque para a relação Rússia-África do Sul, que em 2010 não existia nenhum tipo de comércio neste segmento e cinco anos depois, este número passou para quase 7 mil toneladas exportadas. As exportações da África do Sul para os demais membros dos BRICS, também seguiu o mesmo caminho de êxito, e apesar de não existir nenhuma relação comercial com a Rússia e a transação com o Brasil diminuir em 90%, o vínculo com a Índia praticamente dobrou e a comercialização da celulose com a China cresceu três vezes mais.

Os valores exportados pela China tiveram pequenas oscilações já que houve um pequeno aumento para a África do Sul e um aumento bastante significativo para a Rússia, contudo, o valor exportado para o Brasil zerou e apesar do comércio com a Índia ser o mais expressivo, esse valor também foi reduzido. No que se refere a Índia, seus valores se destacam de forma negativa neste setor, já que seu mercado com Brasil e Rússia se manteve em zero nos dois anos, para África do Sul, o que antes ainda era comercializado 26 toneladas, em 2010 nenhum valor foi registrado e para a China o comércio caiu em mais de 95%.

7. Conclusão

É fato que o BRICS, diferente da maioria dos blocos econômicos, não dispõe de uma organização bem definida e idealizada, assim, há várias questões que põe em dúvida sua consolidação no âmbito global, como o fato de cada membro dos BRICS possuírem múltiplos acordos com outros países de suas regiões, dificultando a consolidação do grupo como um bloco econômico. Entretanto, há também, argumentos otimistas que justifiquem essa possibilidade. Como aquela que estima, em pouco tempo, a superação em importância comercial, da maior economia atual, os Estados Unidos.

A participação da celulose brasileira para os BRICS vem aumentando consideravelmente e de fato, o Brasil possui potencial de crescimento maior nos próximos anos, com destaque para o comércio bilateral entre Brasil-China e Brasil-Rússia.

Apesar do estágio inicial de integração que o grupo se encontra, as relações políticas e comerciais vêm, de forma lenta, porém positiva, se estreitando. Com promessa de expansão ao longo dos anos.

8. Agradecimentos

À capes pela concessão da bolsa de mestrado para a primeira autora.

9. Referências

- ACTUALITCS – Statics by Contry. **Taxa de Desemprego**. Disponível em: <https://pt.actualitix.com/>. Acesso em 19 mar. 2018
- BNDES. **O Comércio entre os BRICS e suas Oportunidades de Crescimento**. Disponível em: <http://www20.iadb.org/intal/catalogo/PE/2011/09015.pdf>. Acesso em 28 ago. 2017.
- Central Intelligence Agency - CIA. **The World Factbook**. Disponível em: <https://www.cia.gov>. Acesso em 25 ago. 2017.
- Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos – DEPEC/Bradesco (2017): **Papel e Celulose**. Disponível em: <https://www.economiaemdia.com.br>. Acesso em 19 ago. 2017
- Food and Agriculture Organization of the United States (FAO). **Data**. Disponível em: <http://www.fao.org/home/en/>. Acesso em 19 ago. 2017
- GUIMARÃES, C. M. (2007): **O Mercosul e o Desempenho do Comércio Intra-Indústria do Setor Brasileiro de Papel e Celulose**. Viçosa - MG.
- Indústria Brasileira de Árvores - IBÁ. **Celulose**. Disponível em <http://iba.org/pt/produtos/celulose>. Acesso em 22 mar. 2018
- Instituto de Pesquisa das Relações Internacionais - IPRI. **As 15 maiores economias do mundo**. Disponível em: <http://funag.gov.br/ipri/index.php/o-ipri/47-estatisticas/94-as-15-maiores-economias-do-mundo-em-pib-e-pib-ppp>. Acesso em 25 ago. de 2017

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea. **Conheça o BRICS**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conheca-os-brics.html>. Acesso em 22 ago. 2017.

_____. **União Aduaneira**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em 22 mar. 2018

_____. (2011): **As relações bilaterais Brasil - China: A ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil**. Comunicado IPEA, nº 85.

_____. (2012): **A Política Comercial dos BRICS com seu Entorno e Efeitos para o Brasil**. Rio de Janeiro

MAXIR, H. S.; MASULLO, L. S. A. (2017): Inserção do Brasil no Comércio Internacional de Produtos da Cadeia Florestal. **Rev. Árvore**. vol.41, n.3.

Ministério das Relações Exteriores – MRE (2014): **BRICS: Comércio Exterior**. Disponível em: <http://www.brasilglobalnet.gov.br>. Acesso em 13 out. 2014.

_____. **BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul**. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3672&catid=159&temid=436&lang=pt-BR. Acesso em 30 ago. de 2017.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC (2014). **Balança Comercial Brasileira: dados consolidados**. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/>. Acesso em: 13 mai. 2016.

MORAES, M. S., et al. (2015) : Um estudo sobre a reciclagem de papel: Um panorama desta atividade no Brasil. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXV, Nº. 000069.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2015) : **IDH Global**. Disponível em : <http://www.br.undp.org>. Acesso em 19 ago. 2017.

Senado Federal. **Brics**. Disponível: em <https://www12.senado.leg.br>. Acesso em 20 mar 2018.

SILVA, A. F.; MONTEIRO, O.; LIRIO, V. S. (2005): **Evolução e Contribuição do Comércio Intra-Indústria para o Crescimento do comércio total entre Brasil e Argentina**. Viçosa.

STUENKEL, O (2017): **BRICS e o Futuro da Ordem Global**. Paz e Terra.

Trending Economics. **Indicators**. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/>. Acesso em 26 ago. 2017

Worldwide Inflation Data. **Taxa de Inflação**. Disponível em <<http://pt.inflation.eu/>>. Acesso em 19 mar. 2018